



## CARTOGRAFIAS DO AFETO E(M) DANÇA NA ESCOLA: MAPAS, CORPOS E CONTEXTOS PARA UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM DANÇA

Hugo Felix da Silva <sup>1</sup>

Michelle Aparecida Gabrielli Boa Ventura <sup>2</sup>

### RESUMO

O referido trabalho propõe relatar a experiência do componente curricular Estágio Supervisionado II, pertencente ao Curso de Licenciatura em Dança, da Universidade Federal da Paraíba, do artista e docente em formação, Hugo Felix da Silva. Nessa trajetória, o autor constrói vivências de dança na escola em conjunto com estudantes do 3º Ano do Ensino Médio de uma Escola Cidadã Integral e Técnica – em João Pessoa-PB –, utilizando como dispositivos de criação artístico-pedagógica e referencial teórico-metodológico, as Cartografias do Afeto, baseadas no trabalho de Juliana Crispe (2015; 2016) e a produção de *zines* como construtor educacional-artístico, conforme Gazy Andraus (2022), como modos de possibilitar fissuras afetivas no ambiente escolar. Dessa forma, é possível dividir o mapa desse trabalho em três etapas: 1 - Mapeamento afetivo da escola; 2 – A descoberta de um corpo-tronco e; 3 – *Zine*-mapa do corpo. Ao final da experiência de estágio, foram produzidas sínteses criativas relacionadas às vivências de dança através do gênero *zine*, bem como a apresentação da performance “AFTA”, do coletivo Tangerina, apresentada em um dos locais da escola identificados como “espaços de afeto” pelos estudantes. Por fim, o trabalho docente adotado considera a afetividade e a sensibilidade dos corpos e seus contextos como política e ética para uma educação mais significativa e movedora.

**Palavras-chave:** Dança na escola, Estágio Supervisionado em Dança, Cartografias do Afeto, *Zine* e Dança.

### INTRODUÇÃO – Abrindo o mapa

“Quem quiser andar ligeiro  
Oh meu bem, nessa vida ande só  
Mas se quiser chegar longe,  
Acompanhado é bem melhor”.  
Ladainha de Capoeira<sup>3</sup>

Piratas, aventureiros de trilha, arqueólogos utilizam pistas para encontrar algo: um tesouro, uma paisagem deslumbrante, ou até mesmo passados remotos. Este trabalho narra a

---

<sup>1</sup>Graduando do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [silvahugofelix@outlook.com.br](mailto:silvahugofelix@outlook.com.br);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Dra. do Curso de Licenciatura em Dança, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [mgboaventura@outlook.com.br](mailto:mgboaventura@outlook.com.br);

<sup>3</sup> Ladainha é um canto utilizado para abrir o jogo da capoeira. A pessoa que conduz a ladainha não tem acompanhamento do coro. Esta ladainha aprendi no Cantinho do Interior, escola de Capoeira Angola localizada em João Pessoa-PB - ao lado da escola onde foi realizado o estágio - coordenada por Luís Boa Voz, sendo um núcleo da escola fonte Angoleiros do Interior, de Paraguaçu Paulista-SP, tendo o Contramestre Xandão a frente do projeto.



experiência de estágio supervisionado<sup>4</sup> em Dança de Hugo Felix da Silva em uma Escola Estadual Cidadã Integral e Técnica localizada na cidade de João Pessoa, estado da Paraíba. Durante seu percurso, trilhado por meio de Cartografias Afetivas (Pereira, 2016) em conjunto com duas turmas de 3º Ano do Ensino Médio, não se encontraram relíquias ou tesouros materiais, mas sim a presença de afetos grafados em olhares generosos, em acolhimento, vindo de jovens para um professor aprendiz, e mapas sensíveis sobre sentimentos que ali, no ambiente escolar, se fazem sentido e latência, impressos e expressos através de *zines*<sup>5</sup> (Andraus, 2022).

Para tanto, neste artigo serão utilizados pronomes em 3ª Pessoa quanto em 1ª Pessoa do singular para referir-me a este processo, colocar-me como um corpo presente, vivo e ativo nas situações apresentadas, bem como analisar com certa distância o que foi vivenciado.

A escola campo deste estágio tem uma grande extensão de território, ocupando toda calçada de um quarteirão do bairro Castelo Branco. Possui áreas verdes, com areia, quadra de esportes, laboratório de ciências, informática, uma cozinha pedagógica, diversas áreas de convivência, sala das professoras e professores, secretaria, sala de projetos, cantinas e banheiros.

Ao passar pela escola, é possível observar o tamanho do seu território comparado aos quarteirões residenciais, o que difere de outras escolas na cidade de João Pessoa quanto à extensão territorial. Também é possível notar o montante de estruturas da escola, bem como as áreas verdes e externas. Mas, ao adentrá-la, percebe-se que metade da escola não pode ser acessada por questões de risco de queda de estrutura, estando uma grande parte inutilizada que poderia se converter em salas, laboratórios, áreas de convivência e atividades. Segundo estudantes, a comunidade escolar aguarda uma reforma há anos: “Durante o Ensino Médio não pude ter acesso a toda escola porque até hoje essa reforma não chegou. Vou me formar e ainda nada de reforma.”, disse uma estudante do 3ºAno<sup>6</sup>. Assim, é neste vasto espaço que atraco minha dança e busco construir vínculos.

Desta maneira, este mapa narrado pode guiar quem o lê para três pistas: o Mapeamento Afetivo da Escola; a Descoberta de um corpo-*troncho*; e por fim, o *Zine*-mapa do corpo. Cada

---

<sup>4</sup> O Estágio Supervisionado em Dança II é um componente curricular do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba, sendo o segundo ciclo de estágio obrigatório. Na ocasião, o componente foi ministrado pela Professora Dra. Michelle Aparecida Gabrielli Boaventura. Esta experiência de estágio ocorreu no primeiro semestre de 2023, de fevereiro a junho, e foi supervisionada pela professora que conduz as aulas de Arte na escola em que este estágio trata.

<sup>5</sup> Conheci a produção de zine e fanzine nas ocupações secundaristas de 2015/2016 em São Paulo, em que estudantes realizavam oficinas de zines para disseminar informações sobre as ocupações nas escolas e as principais reivindicações das/dos secundaristas. Posteriormente, em 2017, utilizei a produção de zine para a realização de TCC de curso Técnico em Dança na Escola Estadual de Artes de São Paulo (ETEC de Artes).

<sup>6</sup> Até o momento da escrita deste relato de experiência de estágio, não houve reforma na referida escola.



pista revela resultados de um modo de fazer, ou de uma metodologia encontrada para o contexto específico desta experiência de estágio, caracterizada pela escuta sensível de tudo que ecoa – e também dos silêncios – na escola, e por cada estudante. Contexto esse, acolhido pelo estagiário em sua incompletude e limitação humana: discentes em despedida da escola e de suas amigas; jovens adolescentes em efervescência hormonal, relacionando-se com mudanças do corpo; bem como, o amadurecimento subjetivo, latente no verbo e no pensamento.

Com isso, conduzido pelas sabedorias das e dos estudantes, exploramos espaços considerados afetivos, e neles, realizamos atividades de dança, desenvolvendo processos criativos com movimentos corporais, jogos e brincadeiras de roda, diálogos sobre assuntos ligados à Dança como linguagem e área de conhecimento, produções autorais, e pouco a pouco, construindo vínculo, tornando esta cartografia, afetiva e efetiva.

### **METODOLOGIA - Cartografias do afeto: Dança é acontecimento e rastro de gente**

Chegando no “mundão” que é a escola, precisava ter a percepção aguçada, pois após ser aceito para realização do estágio, o meu primeiro dia de trabalho já seria o dia seguinte. E para me desafiar e estar longe de uma possível romantização do trabalho docente, neste estágio, decidido pela professora, não haveria período de observação – Que aliás me animei no início por já poder aplicar atividades, mas me arrependi posteriormente por não poder ter um período maior para perceber a realidade escolar, bem como planejar as ações artístico-pedagógicas -.

Com isso, refleti sobre o contexto que estava inserido, buscando dar prioridade à escuta das/dos discentes. A escola contém diversas problemáticas estruturais e relacionais. Com isso, o que eu, estagiário, poderia fazer? Sabendo de minha condição pontual em estar na escola um dia na semana, durante cerca de quatro meses, conclui que deveria utilizar os poucos 50 minutos para ouvir, mover e criar: Ouvir as/os discentes com uma escuta ativa diante do cotidiano escolar, mover o corpo como estratégia inicial de abertura e disponibilidade para as atividades de dança, e criar como síntese da escuta e do movimento. Estimular a criação a estes jovens foi minha maneira de demonstrar que a escola, é sim, um espaço de realização e de possibilidades.

Eu não conhecia a escola, bem como não conhecia os/as discentes, mas sabia que estavam no 3º Ano do Ensino Médio, ou seja, estavam provavelmente se despedindo do ambiente escolar e de seus e suas amigas. Senti a necessidade de mapear isso, e um nome especial me veio à mente: “Cartografias do afeto”. Levei a ideia à minha turma de orientação de estágio, e uma colega me alertou sobre a possibilidade deste título já existir. Fiquei curioso.



Para evitar o plágio, busquei referências com o título “Cartografias do Afeto”, e para minha surpresa, tive centenas de resultados de estudos, artigos científicos e teses de diversas áreas do conhecimento utilizando a mesma expressão ou semelhante, como: Cartografias afetivas, territórios afetivos, cartografia do vínculo etc. Foi tanto material que em instantes desisti de buscar a origem da expressão. Mas concluí que para este momento isso não seria preciso, pois o foco era construir e trabalhar no estágio. Por isso, nesta pesquisa, fui “catando” referências que pudessem se relacionar com meu desejo artístico-pedagógico.

Com isso, atraco meu passo ao trabalho de Juliana Crispe (Pereira, 2015; 2016)<sup>7</sup> com seu projeto chamado “Cartografias Afetivas”:

A proposta tem o intuito de potencializar afetos e provocar encontros que acontecem por oficinas ou convites, em redes que provocam a criação dessas cartografias. Neste sentido, cabe observar os modos de atravessamentos por onde essas cartografias operam por intensidade nas diversas teias que tecem e destecem com a vida. [...] O que conecta uma cartografia à outra é a experiência da afetividade em jogo. O afeto como aquilo que nos move e que faz do encontro algo produtivo proporcionando a expansão de todos os corpos dentro desta relação (Pereira, 2015 p. 107).

E continua, com o que acho genial:

As cartografias têm como ponto de partida, para suas construções, territórios afetivos que nos são importantes e nos afetam, e que desejamos, naquele momento de construção, cartografar e compartilhar. [...] Nas cartografias compartilhadas aparecem singularidades, vivências, lembranças, pessoas, lugares, espaços/histórias individuais e coletivas (Pereira, 2015 p. 107).

E é exatamente o que almejava. Conhecer as/os discentes através dos lugares que as/os importassem, ativando memórias, afetos, desejos, curiosidades, estados corporais que provocassem movimento individual e coletivo, corroborando a possibilidade de investigar “as fissuras deixadas entre os rastros das camadas afetivas que as mesmas [as cartografias] carregam”, segundo Juliana Crispe (Pereira, 2015, p. 108).

Assim, provocado a cartografar afetos, chego à escola e proponho às turmas de 3º anos a listar estes espaços de afeto, tanto espaços de consenso coletivo quanto afetos individuais: “Eu não conheço a escola, então gostaria de conhece-la a partir do ponto de vista de vocês estudantes” (uma frase que comentei em aula e que anotei posteriormente). A partir disso, senti que começaram a me olhar de uma forma diferente a que olhavam para a professora supervisora. Senti um ar de cumplicidade. E desta maneira, pelas Cartografias Afetivas, que as aulas de dança foram desenvolvidas, pela escuta do que já havia e pulsava nos corpos discentes.

---

<sup>7</sup> Juliana Crispe é doutora em educação, professora, artista visual, arte-educadora e curadora. Desenvolve em sua tese o conceito de “professor-artista-cartógrafo-etc”.



Por fim, pensando em como imprimir ou exprimir os resultados destas “caminhandanças”, tive o intuito de utilizar a produção de *zines* como forma criativa, simples e interdisciplinar das/dos estudantes expressarem no papel seus desejos, revoltas, sensações e sentimentos através do uso de recortes e frases, trazendo acessibilidade ao fazer artístico, pedagógico e lúdico, que é, para além disso, uma possibilidade a mais de avaliação<sup>8</sup>. Para isso, utilizei a compreensão de Gazy Andraus (2022) sobre o gênero:

Termo do inglês que aglutina duas palavras: *fan + magazine*, sendo uma revista do fã, revista amadora. São, assim, revistas independentes e alternativas que podem ser manufaturadas pelos próprios autores quais possam ser amadores como estudantes, professores e de quaisquer outras profissões (Andraus, 2022, p. 13).

O zine, traz com seu fazer, a possibilidade de autonomia sobre a produção e o processo criativo para com estudantes e professor, podendo contribuir com a formação de vínculos através do que é expresso no papel, considerando a potência do que é difícil expor em palavras faladas.

### **REFERENCIAL TEÓRICO – Para que servem bússolas?**

Ao enveredar nesta experiência de Estágio Supervisionado II, tenho como bússola, artefato-guia-poético, o trabalho – Ou devo dizer obra? – de Juliana Crispe (2015; 2016), as Cartografias Afetivas, como já citado anteriormente, que foi iniciado em 2010 no estado de Santa Catarina através de convites por *e-mail* da autora para contatos pessoais, que em seguida, compartilham o convite com outros contatos, formando, sem intenção, uma rede (Pereira, 2015). Este projeto propõe que:

seus participantes “mapeiem suas afetividades” e as transformem em experiências artísticas materializando-as através de seus processos criativos nas linguagens (imagens, escritos, sons, objetos, etc) de suas escolhas. As cartografias têm como ponto de partida, para suas construções, territórios afetivos que nos são importantes e nos afetam, e que desejamos, naquele momento de construção, cartografar e compartilhar. É uma proposta aberta para qualquer pessoa que se sentir provocada a participar. Nas cartografias compartilhadas aparecem singularidades, vivências, lembranças, pessoas, lugares, espaços/histórias individuais e coletivas (Pereira, 2015, p. 107).

Partindo deste formato e premissa, as Cartografias Afetivas permitem e têm a intenção de abrir espaço e momento para o “recolhimento” e partilha de afetos por meio da criação, sem estabelecer algum tipo de regra ou técnica a ser obedecida. Observo assim, através desta inscrição artístico-pedagógica, uma ética pelo afeto. Ainda que possa coexistir um caráter

---

<sup>8</sup> Considera-se avaliação, não uma “prova” de conhecimento acerca do conteúdo, mas sim um momento e espaço privilegiado no fazer artístico-pedagógico de medição de comunicação, compreensão, assimilação e autonomia diante dos processos vivenciados (Moretto, 2005).



terapêutico, a partilha da construção criativo-somática, isto é, que envolve toda complexidade de um corpo, tanto física, quanto subjetiva e social, está aí uma sutil potência para o convívio. Um aprendizado sobre acolhimento que se faz caminhando em conjunto, afinal ao se tratar de afetos, fala-se também sobre conflitos e ausências, o que é importante não ignorar ou romantizar, afinal Escola<sup>9</sup> é caminho, é vereda.

E neste caminho-mundo, Juliana Crispe partilha um artefato teórico, espécie de bússola para guiar os contínuos cruzamentos, vias e ladeiras da Educação, especificamente do trabalho docente, um termo chamado “Professor-artista-cartógrafo-etc” (Pereira, 2016), que, não busca instruir um método, mas propor um agenciamento processual, isto é, uma compreensão do trabalho docente pela experiência, pelo processo – E acrescento: “artístico” -. Segundo a autora, “[...] o professor-cartógrafo busca atravessar corpos, criar fluxos de intensidades pelas cartografias, uma proposição que se torna mutante tanto para o professor-artista-cartógrafo-etc quanto para os participantes das *Cartografias afetivas*” (Pereira, 2016, p.03-04, local 104).

Por isso, convém o entendimento e consideração das afecções<sup>10</sup> entre corpos, entre seres e contextos ao passo que se encontram no ambiente escolar. Aceita-se com isso, o “risco” do convívio, do encontro, da transformação de si através da relação com outrem. O afeto, portanto, é entendido neste trabalho como aspecto político pedagógico e também artístico que faz/realiza o caminho do trabalho docente pelo próprio caminho. Fazemo-nos assim, na Escola, gente, do “jeitinho” que se é, cada pessoa como uma cartografia diversa desenhando em conjunto com outras cartografias um mundo dentro (e fora) da escola. Como ensina um importante fundamento da Capoeira Angola que aprendo com o Contramestre Xandão e o Treinel Luís Boa Voz: “A roda pequena imita a roda grande. O que eu vivo dentro da roda pequena, que é no jogo da capoeira, também posso viver na roda grande, que é o mundo.” Será então que esta “bússola pedagógica” não é o próprio caminho marcado por atravessamentos afetivos? Neste sentido, pergunto-me se estive mesmo perdido nesta experiência de estágio.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES – Pistas para um mapa artista-docente**

### **1. Mapeamento afetivo da escola**

Em conjunto com as turmas de 3º ano do Ensino Médio, foi elaborada uma lista de espaços afetivos da escola, cuja indicação foi: Vamos listar quais foram os espaços nesta escola

---

<sup>9</sup> Há, neste trabalho, o uso do termo “Escola” com letra maiúscula para evidenciar o seguimento, a categoria Escola.

<sup>10</sup> “[...] o afeto pelo e com o outro e o afeto compreendido como afecção em Deleuze, de um corpo que atravessa e deixa-se atravessar pelas afecções” (Pereira, 2016, p. 05, local 106).



que lhes trazem boas memórias? Que lugares vocês mais gostam? O que acham de fazer aulas nestes espaços? Dos espaços, foram eleitos: O(s) quadrado(s)<sup>11</sup>, laboratórios de Química e Biologia, corredores – Espaço não listado, mas que trouxe memórias importantes ao passar em um deles -, a cantina, a cozinha pedagógica<sup>12</sup>, o laboratório de Informática e a quadra de esportes, espaço querido por consenso coletivo.

A cada ponto, propus que as/os discentes contribuíssem com lembranças, motivos pelos quais gostavam de determinado espaço. E como resultado, pude conhecer um pouco mais de cada estudante através dos gostos pessoais e coletivos, dos sonhos a serem alcançados e memórias construídas ao longo de anos. Assim, a escola é mapa de afetos e afetações. Por isso, sou movido. Ao ter esta lista-pista de lugares na escola, fomos a cada aula (re)visitar cada um destes espaços, vivenciando escutas tanto das/dos participantes quanto das estruturas da escola.

Costumo dizer a meus pares na universidade que ‘Dança causa mudança’. Não sei se a frase possui autoria, mas ela me vem à mente quando ouço histórias de experiências de dança na escola. As aulas de dança na escola provocam mudanças na estrutura a partir do momento que os corpos começam a se mover. E neste sentido, não faço menção a estereótipos de revolução ou rebeliões, bem como não excludo o grande potencial revolucionário que a dança contém. No entanto, pelo simples fato de corpos andarem, correrem, saltarem, estar com os pés descalços, ou até mesmo parados de forma proposital e consciente, são causadas fissuras na rigidez de um pensamento edificado na escola. Pensamento este de um corpo fechado, recluso por camadas de tecido, moralismos e preconceitos. O ato de dançar naturalmente desfaz aos poucos tais estruturas fechadas para possibilidades outras.

Ao iniciar minhas atividades de cartografia dos afetos tive dois grandes choques que me fizeram compreender o meu lugar de estagiário de dança diante do sistema escolar: O primeiro, foi quando, ao iniciar os percursos pela escola de acordo com o levantamento realizado em conjunto com as/os discentes, fui barrado pelos inspetores da escola: “Oh, oh... o que é isso?!” Perguntou o inspetor mais velho, com tom agressivo. Alguns discentes disseram, apontando para mim: “Ele é professor.” Em seguida, a professora preceptora aparece num pulo: “Eu estou aqui. Ele é estagiário”. Assim, continuei minha regência.

O segundo choque, não durou tanto tempo depois do primeiro. Ao chegar no espaço afetivo da cantina, não estávamos conseguindo escutar as experiências contadas por

---

<sup>11</sup> Uma área aberta com árvores e grandes mesas de concreto em que as/os estudantes utilizam para descansar e socializar.

<sup>12</sup> Espaço dedicado a cursos relacionados a culinária e gastronomia, tendo em vista que a escola também é técnica e oferece cursos ligados a esporte, cultura, informática, turismo e gastronomia. No entanto, no semestre em que realizei o estágio, a cozinha pedagógica não foi utilizada.



alguns/algumas estudantes por ruídos de vozes de professoras e professores que conversavam e gargalhavam em alto tom, bem ao nosso lado. Cheguei devagar neste grupo que conversava e pedi com voz baixa que falassem um pouco mais baixo pois estávamos em aula – O que era perceptível.

Antes de retomar a condução da aula, uma das professoras que estava no grupo ruidoso me disse com olhar rancoroso: “Tá vendo o que nós passamos com vocês?! É assim que a gente se sente quando tentamos dar aula para vocês!” Em resposta, tentando demonstrar calma, eu respondi: “Eu não sou aluno, sou estagiário.” Continuei minha regência demonstrando certo espanto às/aos estudantes. Em uma hora como esta, questionei-me com desespero: “Onde raios está a professora?” Ah sim, ela estava junto com o grupo de professores e professoras conversando em alto tom de voz.

Felizmente, as turmas de estudantes me deram boas-vindas à escola realizando uma atividade que aparentava ser significativa a elas e eles. Mas não sei se posso dizer o mesmo vindo da professora preceptora e seus pares. Ao mesmo passo, não julgo o comportamento das/dos docentes, em vista do cotidiano escolar e suas questões estruturais. Eu estou no meio de tudo isso, e chegando. Ao me propor cartografar espaços afetivos estou propenso a riscos, e tratando-se de afetos, tem tudo a ver, pois afeto não necessariamente trata-se de sentimentos alegres e felizes. Afeto tem a ver com o que se afeta, se atravessa: “Cartografar é entrar, então, em aventuras moventes que possam nos instigar para que nos arrisquemos no mundo, para que nos reinventemos a cada dia” (Pereira, 2016 p. 07, local 108 *apud* Picosque, 2012, p. 236).

## **2. A descoberta de um corpo-troncho<sup>13</sup>**

Continuando a prática da cartografia dos afetos, fomos à quadra de esportes fazer aula de dança. E de início percebi que mover o corpo para se alongar aparentava ser demasiadamente estranho aos corpos das/dos discentes. Elas e eles davam risadas, se mostravam envergonhados/envergonhadas. E quando propunha algum jogo para mover o corpo, alguns desistiam com um ar de “isso é ridículo”. E eu não desistia. Mostrava confiança porque eu sabia o que estava fazendo, e acreditava muito em meu planejamento.

No desenvolver das aulas, aos poucos, colocava mais um jogo corporal aqui e acolá, e em conjunto, falava sobre a importância destes jogos para o desenvolvimento pessoal em se comunicar em grupo, ter mais confiança, não ter vergonha do próprio corpo. Com isso, percebi que em alguns dias, a adesão às atividades era boa, forte, em outros dias, nem tanto. E por isso,

---

<sup>13</sup> O termo “troncho” é uma gíria ou expressão popular para referir-se a algo que está torto, errado, desajeitado.



conclui que na escola, cada dia é um dia diferente, mesmo considerando a crescente de um processo. Podemos, em coletivo, nos desenvolver de maneira conjunta, porém nem todo dia estaremos bem. E toda semana, que acontecia algo na escola, as vezes casos de violência como brigas e confusões, era comum encontrar alguém que não se sentia bem para mover. E ali eu percebia que o ideal era o acolhimento. Por hora, deixar a pessoa sentindo o que precisa sentir para depois falar sobre, e depois, mover o corpo. Por isso, ao longo do processo das aulas fui me acalmando quanto às minhas expectativas, compreendendo o tempo do coletivo e das singularidades ao passo que buscava construir relações nas aulas de dança.

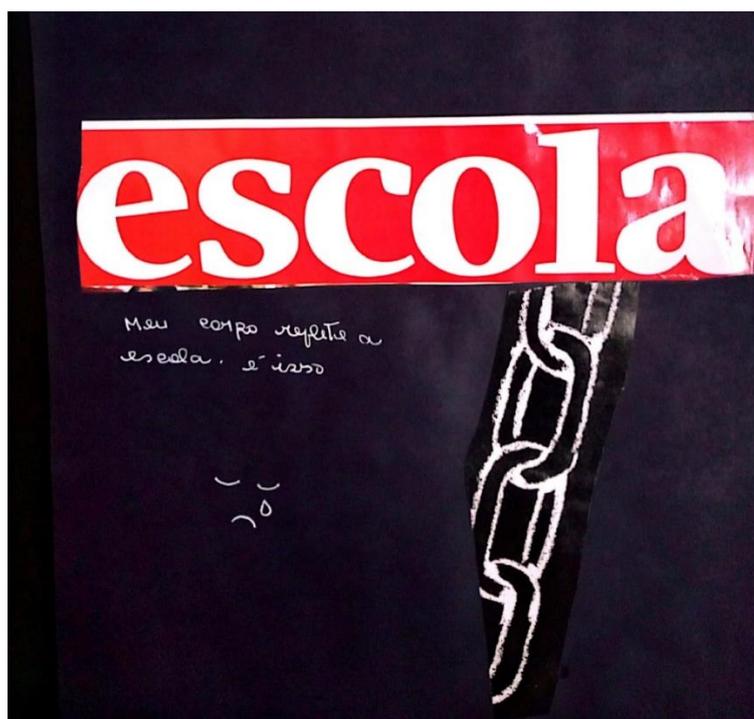
Assim, tentei mostrar nas aulas de dança, por meio de jogos corporais a ações com movimento, a possibilidade de ser ridículo, vulnerável na aula, para que pudessem, pelo menos um pouco, abrir-se à experimentação de seu próprio corpo e movimento criativo, ou seja, à dança.

### **3. Zine-mapa do Corpo**

Aproveitando o cartografar dos espaços de afeto na escola em conjunto com as descobertas de corpos apropriadamente ridículos e vulneráveis, senti em meio ao percurso, o desejo de imprimir o que as/os discentes captavam com nossas atividades. Por isso, pensei em uma atividade que possibilitava atravessamentos entre as linguagens de Dança e Artes Visuais: a produção de *zine*.

Desta forma, busquei articular a produção de zine com as atividades realizadas de dança, propondo a temática: “o que é meu corpo?”. De fato, foi a atividade com maior adesão pelas turmas de 3º Ano. Senti o entusiasmo para mexerem com recortes e colagens. Nesta atividade, surgiram propostas complementares ao tema por mim sugerido: “Professor, posso falar sobre meu sonho?”, “Posso colocar algo que gosto?”, “Posso falar como me sinto na escola?”. Enfim, para todas as situações considerava que, com toda certeza tinha a ver com corpo, bem como com dança. E com os resultados apresentados, conclui que as aulas de dança na escola, surtiram efeito. Abaixo, apresento algumas obras realizadas em aula por discentes dos 3º Anos A e B:

Figura 1: zines-mapas produzidos após cartografias



Fonte: produzido por estudantes do 3ºAno do Ensino Médio, registro do autor

Com esta atividade, diversos mapas afetivos foram construídos. Rastros estes que me deram possibilidade de chegar um pouquinho mais a cada ser humano presente em minhas aulas. Nos registros, muito se foi falado sobre sonhos, escolhas, descobertas, transformações,



ideias, ideais, desejos, planos, opressões, dores, revoltas... e mais do que eu possa discernir neste escrito, ou, neste mapa de afetos.

#### **4. “Neste fim de período eu só queria uma ciranda!” – Pista bônus**

Como forma de finalizar este ciclo de estágio e agradecer a escola e principalmente às/aos estudantes, organizei a proposta de levar um espetáculo de dança do Coletivo Tangerina, chamado AFTA, do qual faço parte em conjunto com minhas colegas de turma e trabalho, Juliana Lima, Rayrane Melissa e Patrícia Bulhões. Assim, no último dia de regência decidi realizar a aula no Quadrado, mais um espaço de afeto levantado pelas turmas. E lá tivemos um momento de avaliação de minhas aulas. Senti que foi uma despedida de nossos momentos em movimento. Para aquelas e aqueles que não quisessem verbalizar sua avaliação pedi para que escrevessem em um papel que entreguei.

Finalizamos com alguns jogos adorados pelas turmas, como o “Iáááá!” mais conhecido em João Pessoa por “Zap!”. E brotaram muitas gargalhadas. Além disso, brincamos de ciranda. Fiquei muito orgulhoso por conseguir puxar a ciranda ao passo que conduzia os movimentos corporais e ensinava o canto. No fim, ao me despedir, um dos estudantes me perguntou: “você quer ser professor, Hugo?” Senti um tom gentil na fala. E eu respondi com tranquilidade e leve sorriso: “Sim.”

Bom, hoje a aula foi emocionante por ser minha última regência. Levar as turmas para o Quadrado fez toda a diferença levando em conta que é um espaço querido pelos/as discentes. Para adiantar aula do 3ºB, unimos as duas turmas, o que não foi do agrado das/dos estudantes devido as rixas existentes. E por fim, finalizamos brincando de ciranda. Sarah sugeriu uma cantiga popular, e depois eu, outra. [...] Foi maravilhoso dar tantas risadas. Teve gente que até chorou de tanto rir (Anotações do autor escritas em 01 de junho de 2023).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS - “Minha desobediência civil é dançar!”**

No Estágio II, pude experimentar num período de quatro meses, o contato com o Ensino Médio, especificamente duas turmas de 3º Ano, em uma escola estadual cidadã integral e técnica de João Pessoa-PB. Através deste contato foi possível elaborar e vivenciar atividades de dança pensadas para o contexto desta escola e destas/destes discentes. Com efeito, experimentamos a chamada Cartografias do Afeto, investigando e revisitando espaços de bons afetos e memórias construídas ao longo da trajetória escolar. Lugares estes que conheci através do ponto de vista das/dos estudantes, o que foi um privilégio ter a partilha destes afetos.



Como objetivo principal em minhas atividades, visualizei a construção de vínculos, que pude alcançar graças à generosidade e desejo de mover do corpo discente. Por isso, os 50 minutos de aula semanal foram bem aproveitados por meio de brincadeiras de roda e jogos corporais, investigações criativas com o corpo, exploração de espaços na escola, os diálogos sobre o cotidiano escolar, os desabafos. Com confiança, pudemos descobrir e experimentar a apropriação de um corpo ridículo e engraçado para não ter medo de quem se é.

Em suma, como um ápice considerado, a produção de zines com a temática relacionada ao corpo me emocionou. E ali tive a certeza de uma frase que costumo dizer: “Estudantes são a melhor parte que há na escola”. Percebi, através desta atividade, que as aulas de dança na escola surtiram efeito, fizeram sentido, e sim, estavam acontecendo, sendo consideradas por mim, um momento de respiro e escuta em meio à semana na escola.

Portanto, apesar da necessidade de um mapa para localizar-me no caminho à docência, eu não estive perdido, porque a percepção humana de cada pessoa encontrada no caminho foi-me um farol, uma pista, uma bússola, um oásis ou nascente de água doce. O ponto que marca o “X” neste caminho me leva a encontrar vidas que me dão vida.

### **REFERÊNCIAS – Pistas de cartografias outras**

ANDRAUS, Gazy. HQs e fanzines como construtores educacionais-artísticos. **Revista NUPEART**, v. 26, p. 2 – 23, Florianópolis, 2022.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova** - um momento privilegiado de estudo - não um acerto de contas. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

PEREIRA, Juliana Cristina (Juliana Crispe). Cartografias afetivas. **Linha Mestra**, n. 27, Ago/Dez 2015.

PEREIRA, Juliana Cristina (Juliana Crispe). **Cartografias afetivas**: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc. 2016. 286 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.